**ÉTICA INTERATIVA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DOCENTES E DISCENTES UNIVERSITÁRIOS NA PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTASOCIAL**

**RESUMO:** O texto aborda a ética nas relações entre docentes e discentes no ambiente universitário, ressaltando a sua complexidade e relevância. A ética, frequentemente mencionada sem critérios claros, é crucial hoje pela ameaça ao planeta representada pelo nosso estilo de vida. Portanto, sua discussão deve ir além da academia, compreendendo interações humanas cotidianas. A universidade se destaca como um espaço essencial para a construção de uma ética relacional, onde a interação entre docentes e discentes é fundamental. A ética, vista como uma busca pelo sentido da vida, se desenvolve nas relações e interações universitárias. O autor utiliza a Teoria do Construcionismo Social para argumentar que realidade e significado são construções sociais, moldadas pelas práticas e interações diárias, rejeitando conceitos universais. Originada nos anos 1980, essa teoria enfatiza que a realidade é construída socialmente, com a linguagem desempenhando um papel crucial na criação de significados. Adotando uma perspectiva antiesencialista e antirrealista, sugere que sujeito e objeto se influenciam mutuamente, necessitando de uma abordagem que considere as práticas sociais e contextuais para entender os fenômenos sociais. O texto propõe reflexões para uma ação ética nas relações docentes/discentes: primeiro, a relação educativa deve basear-se na experiência humana e na co-construção de significados, não apenas no discurso. Segundo, a relação educativa deve ser autêntica, aceitando conflitos como parte natural das interações humanas, ao invés de idealizá-las como livres de problemas. Terceiro, a ambivalência emocional deve ser vista como característica da natureza humana, e não como algo a ser eliminado. Quarto, o significado da educação e das relações educativas é construído na prática, e não dado a priori. Por fim, interpretar um problema não é o mesmo que compreendê-lo; a verdadeira compreensão requer uma ação ética contextualizada e engajada. Concluindo, o texto convida à reflexão sobre a ética nas relações educacionais, defendendo que a educação deve focar na construção coletiva e dinâmica de significados. Essa construção baseada na interação e no diálogo constantes, reconhecendo a importância dos conflitos e das ambivalências inerentes às relações humanas.

**Palavras-chave:** 1. Ética; 2. Construcionismo social; 3. Interações educativas; 4. Co-Construção.

**ABSTRACT:** Ethics, viewed as a pursuit of life's meaning, evolves within university relationships and interactions. The author employs Social Constructionism Theory to argue that reality and meaning are socially constructed, shaped by daily practices and interactions, thereby rejecting universal concepts. Originating in the 1980s, this theory underscores that reality is socially constructed, with language playing a pivotal role in creating meanings. Taking an anti-essentialist and anti-realist stance, it posits that subjects and objects mutually influence one another, necessitating an approach that considers social and contextual practices to comprehend social phenomena. The text proposes reflections for ethical action in teacher-student relationships: Firstly, educational relationships should be grounded in human experience and the co-construction of meanings, not solely in rhetoric. Secondly, educational relationships should strive for authenticity, acknowledging conflicts as natural aspects of human interactions rather than idealizing them as conflict-free. Thirdly, emotional ambivalence should be recognized as a characteristic of human nature, rather than something to be eradicated. Fourthly, the meaning of education and educational relationships is shaped through practice, not predetermined. Ultimately, interpreting a problem differs from truly understanding it; genuine understanding requires engaged and contextually informed ethical action. In conclusion, the text prompts consideration of ethics in educational relationships, advocating that education, as a human experience, should prioritize the collective and dynamic construction of meanings. This construction should be rooted in ongoing interaction and dialogue, recognizing the significance of conflicts and inherent ambiguities within human relationships.

**Keywords: 1. Ethics; 2. Social Constructionism; 3. Educational interactions; 4. Co-construction.**

**Introdução**

É frequente escutarmos nos discursos do dia a dia da televisão, das lives, das ruas, dos bares e dos lares a afirmação de que certos comportamentos - verbais e/ou de ação - não correspondem à ética. Contudo, normalmente, essa afirmação é feita sem nenhuma definição clara sobre qual conceito ou parâmetro ético está sendo utilizado. Com qual critério se faz tal afirmação? O que faz com que determinados comportamentos sejam considerados éticos ou antiéticos? O tema da ética se apresenta como um evento de longa duração na história humana e, hoje, mais do que nunca, demonstra sua evidente necessidade. Atualmente, percebemos que nossa casa comum – nosso planeta – está em risco devido ao nosso próprio modo de viver e de nos relacionarmos em sociedade. O humano se coloca como protagonista na destruição de seu próprio habitat e existência. Dessa forma, a ética é um tema complexo que não pode mais se restringir apenas aos discursos acadêmicos ou profissionais em suas análises filosóficas, antropológicas, sociológicas, jurídicas, psicológicas, religiosas, de deontologia profissional, etc.

Embora a ética não se restrinja mais ao ambiente acadêmico, é exatamente dentro das universidades que reside a possibilidade de um outro entendimento da ética e da ação ética. Esse potencial se constitui na relação docente/discente, que é central na construção ética para uma sociedade crítica, responsável e responsiva. As relações entre docentes e discentes na construção de significações são mais promitentes do que os conteúdos acadêmico-científicos possíveis de se apreender. A complexidade da ética não permite análises absolutas ou conclusivas, dada a multiplicidade de fatores envolvidos. Qualquer tentativa de definição e análise ética inevitavelmente encontra limitações. Neste breve texto, minha intenção é definir ética e, com base nessa definição, explorar como a teoria do Construcionismo Social pode informar uma ação ética nas relações entre professores e alunos na universidade. Isso posto, permanece um grande desafio na evidência de seus próprios limites, que lembra muito o próprio conflito na educação, comparável à arte circense de andar sobre uma corda bamba sem cair. Quem já tentou permanecer na corda bamba sabe a necessidade de ser flexível, não rígido, para conseguir permanecer no jogo. Assim, imagino a construção deste texto, em sua proposta de ação ética, como um convite a um diálogo flexível e aberto, que assume suas afirmações no intento de permanecer na corda bamba.

**Material e Métodos**

A presente proposta é classificada como estudo bibliográfico qualitativo e exploratório. Etimologicamente, o termo ética provém do grego ἠθικά e significa modo de ser, o caráter de uma pessoa. Posteriormente, foi traduzida pelos romanos para o latim como mos - moris, significando costume/s, moral. As duas culturas desenvolveram debates filosóficos e teóricos sobre valores éticos e morais, refletindo sobre liberdade, responsabilidade, amizade, amor, educação, consciência, e usos/costumes, para diferenciar o bem e o mal, o bom e o ruim. Sem discutir as diferenças e semelhanças entre ética e moral, podemos entender como as matrizes culturais condicionaram esses conceitos a uma ênfase ou outra. Na Grécia Antiga, o termo ética nasceu e foi herdado pela civilização Romana-Latina, onde debates diversos ampliaram o sentido do termo em múltiplos argumentos. A inscrição do termo grego *ἠθικά* na cultura helênica compreendia o mundo em sua dimensão mais filosófica, conferindo à ética uma conotação mais especulativa mesmo quando discutida enquanto prática coletiva. Em contrapartida, o termo latino mos - moris entre os romanos-latinos, que compreendiam o mundo em sua dimensão pragmática, foi associado a normatividade, princípios, costumes e valores. Assim, ética e moral correlacionam-se o tempo todo e são diferenciadas, acomunadas e interseccionadas por diversos autores ao longo do tempo.

**Resultados**

Para os propósitos deste escrito, defino ética como uma ação em busca de sentido da vida, cujos conteúdos dependerão dos diversos sentidos atribuídos à vida por cada um de nós em nossos encontros e desencontros. Com essa definição, defino a instituição universitária como o topos por excelência onde essa ética pode ser desenvolvida por meio das relações docentes/discentes, baseando-me na teoria do Construcionismo Social para minha proposta de ação (La Taille, 2010). Construcionismo Social – Uma Teoria das Relações. Para traçar meu percurso na construção de uma ação ética, faço algumas reflexões sobre a Teoria do Construcionismo Social, que compreendo como uma teoria das relações humanas a posteriori. Existe uma forte conexão entre essa teoria, na consolidação de uma análise social baseada em processos de construção em práticas sociais de co-construção, e a definição de ética que utilizo neste texto.

A Teoria do Construcionismo Social ou Socioconstrucionismo é um movimento cultural nascido nos Estados Unidos nos anos 1980, no âmbito das ciências humanas e sociais. Seus principais expositores incluem Gergen, Harré, Pearce, Shotter, entre outros. É uma teoria de questionamentos epistemológicos e de crítica social, baseando-se na ideia de que as explicações/descrições sociais são uma ação social com efeitos pragmáticos, em vez de uma “leitura” hermenêutica do “real”. Define-se como uma perspectiva de observação, análise e ação sobre a realidade, negando qualquer essência aos fenômenos sociais e rejeitando conceitos universais por considerá-los respostas simplistas para problemas complexos dos homens em sociedade (Naputano, 2017).

Apesar de ser uma perspectiva heterogênea, o movimento possui características comuns, como uma postura anti-essencialista e antirrealista, que permite a consideração de que sujeito e objeto se implicam reciprocamente sem neutralidade. A realidade compreende nós mesmos, e devemos nos considerar sujeitos/objetos ao mesmo tempo (Sparti, 2010). A visão sociológica do empreendimento científico deve muito à obra de Wittgenstein. Gergen afirma que essa foi “seminal” para o desenvolvimento do movimento construcionista, fornecendo pressupostos para questionar o uso de conceitos como predicados mentais condicionados por convenções, desafiando as bases objetivas do conhecimento (Gergen, 2009, p. 302) e contestando as teorias da ‘essência’. Na teoria construcionista, o homem não é constituído de nada essencial. Isso não significa que não tenhamos pressupostos ou crenças em nossas vidas, mas que estas são versões construídas socialmente e podem ser revistas e reavaliadas em sociedade, através de nossas práticas cotidianas.

Outro autor importante para o desenvolvimento dessa teoria é Mikhail Bakhtin. Para ele, não há realidade linguística fora de sua expressão no diálogo. O signo só existe nas relações concretas e pode ser alterado por estas em uma linguagem criadora de novos significantes: “O signo e a situação social em que se insere estão indissoluvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica” (Bakhtin & Volochinov, 2006, p. 62). Assim, conseguimos dar significado às coisas através das trocas nos contextos sociais onde o saber é constituído na relação ativa e cooperativa. Temas como linguagem, comunicação, cultura, ideologia, poder, democracia, educação etc., são inerentes ao socioconstrucionismo, buscando compreender como os sujeitos constroem a realidade por meio de suas interações. Neste contexto, a importância dada pelos autores construcionistas sociais à linguagem faz com que, na realização deste texto, a ética seja compreendida como uma ação construtora de significados. Assim, docentes e discentes constroem a realidade em suas relações éticas por meio de suas interlocuções sociolinguísticas contextuais e, para além do espaço físico da universidade, partilham saberes e dissabores próprios de uma comunidade em constante desenvolvimento.

**Conclusões**

Agora, trago provocações para refletir sobre uma proposta de ação ética de construção de significados nas relações docente/discente na universidade. Uma primeira reflexão diz respeito à afirmação construcionista social que sustenta que “falar em relação” não é sinônimo imediato de “ter uma relação”; ou seja, não podemos confundir o discurso sobre alguma coisa com ela mesma. Ter uma relação educativa não é sinônimo de ter conhecimentos ou saber analisar aspectos educativos baseados em inúmeras teorias. O docente que pensa em “aplicar” suas competências-chave, em qualquer contexto ou momento histórico, considerando-as anteriores às relações que podem, de fato, construir competências, muito se engana. O constituir e o constituinte são conjuntamente parte da formação existencial que docentes necessitam para o próprio ato de construírem suas competências relacionais. A relação educativa é uma experiência humana que ocorre entre pessoas e pressupõe a interpessoalidade de seus protagonistas – docentes e discentes. Envolve nossas histórias, nossos conhecimentos e nossas emoções em um percurso sem resultados prévios, numa narrativa de encontros e desencontros frequentes. É necessário lembrarmos que a relação, antes de educativa ou não, é uma relação! É a matéria da qual somos feitos. Assim, posso afirmar que nossa prática profissional se define

**Referências**

BAKHTIN, M., VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem (Vol. 6). São Paulo: Hucitec, 2006.

GERGEN, Kenneth. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, 6(1), 299-325, 2009. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807- 1384.2009v6n1p299>. Acesso em: Maio de 2021.

LA TAILLE, Yves de. Moral e ética: uma leitura psicológica. Psicologia: teoria e pesquisa, 26(SPE), 105-114, 2010.

NAPUTANO, Marcelo Intervenções psicossociais em escolas com jovens migrantes das segundas gerações na Itália. (Tese Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP. Orientador: Dr. José Sterza Justo, Assis, 2017. 235 f. + anexos, 2017.

SPARTI, D. Perchè non possiamo non dirci construcionista? In: Santambrogio, A. Costruzionismo e scienze sociali. Perugia: Morlacchi, pp 68-82, 2010.